e o Shihtzu e os Retrievers, em cães", exemplifica.

Pets acometidos por uma DRC podem apresentar diversos sintomas, de forma individual ou conjunta. "Os sinais variam, mas, geralmente, incluem aumento da sede e do volume da urina na micção, deixando o xixi com coloração amarela clara a transparente", descreve Hugo. "Ainda podem ser observados perda de peso, falta de apetite e vômitos. Esses sintomas tendem a se manifestar quando a doença renal já está em estágio avançado", continua o especialista.

## Estágios

A doença renal crônica é uma condição progressiva, irreversível e pode passar por quatro estágios distintos. "No estágio um, os rins não apresentam disfunção renal, mas existem alterações em exames de imagem e de urina que evidenciam a DRC", afirma Hugo. De acordo com ele, a partir do estágio dois, os pacientes começam a mostrar sinais clínicos.

"Conforme for progredindo, a função renal diminui e o paciente vai entrando nos outros estágios da doença, até chegar ao último e, posteriormente, entrar em um processo de falência dos órgãos", acrescenta Kamylla. O cachorrinho Conan foi um desses casos. Aos 14 anos de idade, o Poodle misturado com vira-lata morreu devido a complicações decorrentes da insuficiência gradativa dos rins.

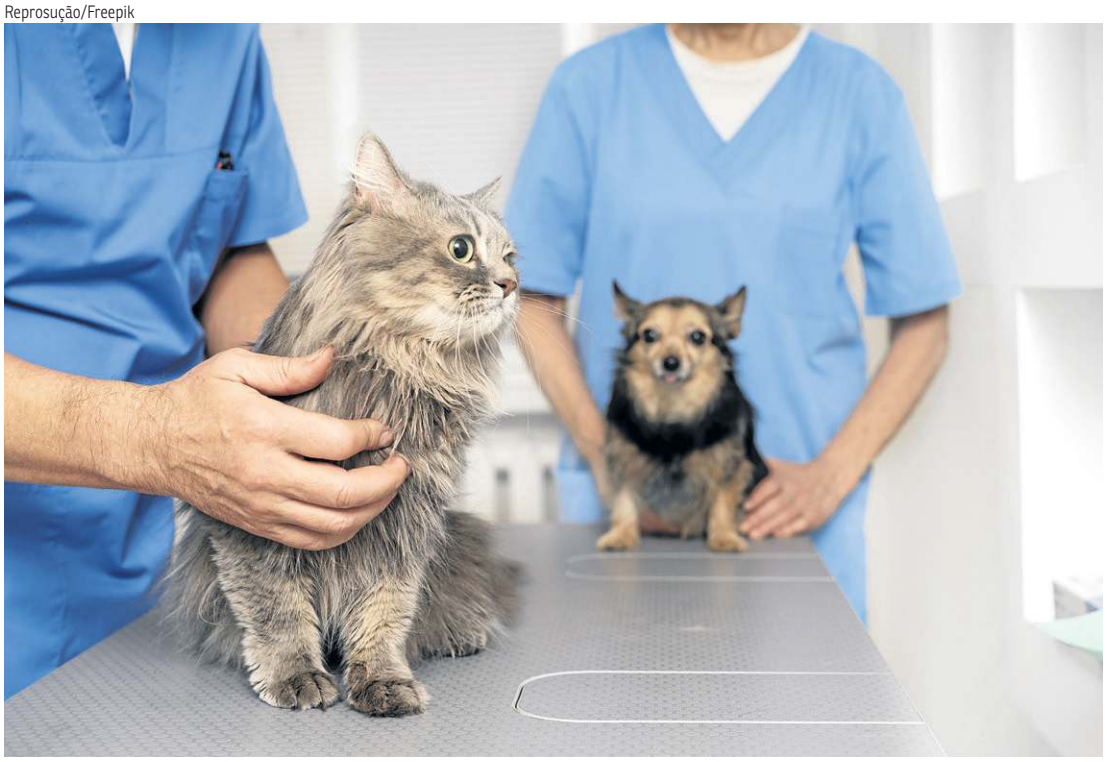
Seu tutor, Gabriel Leão, 21 anos, conta que, após feita a observação dos sintomas, levou Conan ao veterinário. "O diagnóstico foi confirmado por meio do exame de sangue, que apresentou insuficiência em ambos os rins. A partir daí, iniciaram-se os tratamentos", relata.

## Conheça o CBNUV

**O Colégio Brasileiro de Nefrologia e Urologia Veterinárias é uma associação sem fins lucrativos que tem como objetivo expandir, divulgar e incentivar o conhecimento acerca das doenças renais e do trato urinário. "O CBNUV atua em todo o Brasil, fornecendo suporte aos profissionais médicos veterinários por meio de programas educacionais, organização de eventos científicos, publicação de diretrizes e promovendo a troca de conhecimento entre os profissionais", descreve o atual presidente, Hugo Cardoso.**

**A fim de promover melhores práticas no tratamento e no manejo de doenças renais e urológicas em animais, o CBNUV também trabalha em colaboração com outras organizações veterinárias e instituições de pesquisa. "Além disso, o médico veterinário pode se associar ao CBNUV para estar próximo a todas as ações desenvolvidas e, principalmente, participando da educação continuada."**

Reprosução/Freepik



## Tratamento

O tratamento para a DRC visa, além de controlar os sintomas, retardar a progressão da doença e melhorar a qualidade de vida do animal. "Isso pode envolver uma combinação de ações, como dietas de boa qualidade, estímulo hídrico para manter o paciente hidratado e medicamentos para controlar náuseas e vômitos, estimular o apetite e controlar a pressão arterial", cita Hugo.

"Por se tratar de uma doença que não tem cura e é progressiva, o suporte ao paciente é dinâmico, destacando a importância do diagnóstico precoce", alerta ele. "É importante que se faça checapes anuais. Quanto mais rápido a gente diagnosticar o paciente, mais condições temos de dar melhor tratamento para ele", complementa Kamylla.

De acordo com Gabriel Leão, o tratamento de Conan foi feito por meio de acompanhamento constante com veterinário, medicações e ajustes na alimentação — incluindo a troca de ração. Ele conta que, ao longo do processo, o cachorrinho passou por altos e baixos. "Houve uma melhora de alguns meses. Parecia que ia ficar tudo bem", narra. No entanto, Gabriel descreve que, após um episódio de crise epiléptica, a saúde de Conan decaiu rapidamente. "Depois de um mês, ele morreu", relata.

Após cinco dias no hospital vivendo os estágios finais da doença, os veterinários indicaram a necessidade de internação definitiva de Conan. Gabriel e a família optaram pela eutanásia. "Nós não tínhamos condições de arcar com os custos do hospital. Além disso, mantê-lo vivo ia fazê-lo sofrer. Ele ia passar a vida dentro de uma gaiola em uma clínica veterinária, sempre tomando remédios e soro na veia", detalha.

Por fim, Gabriel incentiva as pessoas que viveram histórias como a dele e perderam o pet a não desistirem da adoção. "Esses animais acabam se tornando filhos. Quando eles morrem, o processo de luto é normal e, muitas vezes, após a experiência, as pessoas não querem mais ter bichinhos", declara. "Considero isso um erro. No Brasil inteiro, existem milhares de cachorros de rua e em lares adotivos esperando para ter uma família. Uma hora ou outra, é importante adotar novamente."

***Estagiária sob a supervisão de Sibele Negromonte**